

Geografia Humana e Geografia da População: pontos de tensionamento e aprofundamento na ciência geográfica

Human and Population Geography: tensioning and deepening points of the geographical science

Najla Mehanna Mormul

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Francisco Beltrão, Brasil

najlamehanna@gmail.com

Artigo recebido para revisão em 10/02/2013 e aceito para publicação em 11/04/2013

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de apresentar uma discussão a respeito da temática populacional na Geografia, com ênfase na questão da Geografia Humana e da Geografia da População, e a partir disso discorrer sobre a relevância dos estudos populacionais na ciência geográfica. Este debate justifica-se pela necessidade de entender os caminhos trilhados pela população no âmbito da Geografia, seja enquanto Geografia Humana ou Geografia da População. Neste sentido, teve-se a pretensão de contribuir para a análise e reflexão acerca do estudo da população na Geografia, e com isto compreender como a população foi e é abordada na Geografia. Para isso recorreu-se a uma breve contextualização acerca da chamada Geografia Humana, assim como o surgimento da Geografia da População, seja como desdobramento da Geografia humana ou como nascimento de uma nova área. Para a elaboração deste artigo foram consultadas obras de autores como: Ratzel, La Blache, Brunhes, Sorre, e o filósofo Foucault por conta da sua proposta acerca das questões populacionais, que a nosso ver contribui para o enriquecimento do tema proposto. Tendo visto a amplitude do tema, procurou-se priorizar os aspectos qualitativos, e estabelecer breves reflexões sobre a contribuição de outras ciências em relação ao tema população, pois acreditamos que isso possibilita aprofundar a análise, ao mesmo tempo em que se buscou recuperar um pouco a história da Geografia, através da leitura dialética da ciência geográfica. Ponderando que a Geografia na atualidade pode impulsionar os estudos populacionais por meio de análises críticas promovendo leituras contextualizadas acerca dos fenômenos populacionais.

Palavras-chave: Geografia humana; Geografia da população; População; Ciência geográfica.

ABSTRACT

This article aims to present a discussion of the population issue in Geography with emphasis on the issue of Human Geography and Population Geography, and from this dialogue about the relevance of population studies in geographical science. This quarrel is justified by the need of understand the paths taken by population in the context of Geography, either as Human or Population Geography. In this sense, we claim to support the analysis and reflection about the study of population in Geography, to understand the issue of Human and Population Geography, in attempt to comprehend how this population was and is addressed in Geography. For this we turn to a brief overview of what is conventionally called Human Geography, as well as the emergence of Population Geography, either as an unfolding of Human Geography or as a birth of a new area. To establish this dialogue we used as reference some authors such as Ratzel, La Blache, Brunhes, Sorre, Foucault, among others, whose work provided us the theoretical background to deepen our discussion. Having seen the breadth of the subject, we tried to prioritize qualitative aspects, i.e., we applied the method of historical research in order to select authors who bring discussions on the subject, and thus regain some of the history of Geography through the dialectical reading of geographical science. Pondering, that Geography currently can boost the population studies by critical analysis promoting contextualized readings on population phenomena.

Key-words: Human Geography; Population Geography; Population; Geographical Science.

1. INTRODUÇÃO

A população é objeto de investigação de várias ciências, entre elas a Geografia, por ser um campo de investigação amplo, comumente o que vemos são estudos ligados à população serem dissolvidos entre várias ciências, e subdivididos em áreas, onde cada uma atribui a sua análise aquilo que lhe é peculiar. Outro aspecto característico ao se pensar a população e sua concepção ao longo da história humana, diz respeito ao emprego dos números, que historicamente pode-se dizer virou uma obsessão. O mundo ocidental se configurou até o fim do século XIX, como um misto de ideias e opiniões, ora defendidas pelos representantes da Igreja, ora por filósofos, ora por políticos que discutiam a respeito da dinâmica populacional. Uns defendendo o aumento da população, outros com receio das consequências deste aumento, sem saber, se seguiam os preceitos religiosos, ou as questões de ordem racional. Neste contexto, o crescimento da população era visto quase que ao mesmo tempo como benção e como castigo. A ideia de população, seja ela em crescimento ou em decréscimo, foi por muitos séculos tema de grande controversa, em especial, por estar associada à noção de sobrevivência da espécie humana.

A propositura deste trabalho é proporcionar e quiçá estimular o debate sobre como a Geografia aborda os estudos populacionais, especialmente, no que diz respeito à Geografia Humana e a Geografia da População. Para realizar este estudo as contribuições de Deffontaines,

Lebon, La Blache, Brunhes e Foucault, entre outros, foram importantes. Vale salientar que as obras desses autores propiciaram a discussão acerca da Geografia Humana, e dos assuntos afetos à população. Ao tratar sobre a Geografia da População foi importante às contribuições de Ratzel, Trewartha, George, Levasseur, Zelinsky, entre outros, que ofereceram especial atenção à questão da Geografia da População, desenvolvendo trabalhos de alcance internacional.

Desta forma, buscou-se por meio das fontes de pesquisas consultadas, trazer a tona o debate sobre os estudos de população no âmbito da ciência geográfica, para isto foi realizado um breve levantamento teórico para eleger os autores que auxiliariam no entendimento da proposta, e por meio de uma leitura “interesseira” das obras e textos selecionados encontrar manifestações na Geografia dos assuntos atinentes à população, o que significa dizer que se buscou pela Geografia Humana e pela Geografia da População entender como a população foi sendo tratada pela ciência geográfica e com isto acenar como poderia ou deveria ser os estudos populacionais pelo viés geográfico. A população é um temário rico, no qual a ciência geográfica tem muito a contribuir, tanto para o fortalecimento como para a difusão dos estudos populacionais por meio de uma abordagem crítica e contextualizada.

A título de apresentação estruturamos este artigo em três partes a primeira refere-se à Geografia Humana e os estudos populacionais. Nesta parte houve a intenção de discutir como a chamada Geografia Humana aborda os estudos

populacionais, assim como apresentar sucintamente a peculiaridade de adjetivar a Geografia em “humana”, característica emblemática e bastante discutida na ciência geográfica. No segundo momento, abordou-se a questão da população na Geografia e em outras ciências, buscando com isto evidenciar a abrangência do tema e reforçando a necessidade da Geografia em repensar suas análises acerca da população, a interdisciplinaridade e suas possíveis contribuições. Na última parte objetivou-se discutir sobre a Geografia Humana e da Geografia da População, procurando evidenciar como tais áreas se complementam ou sofrem tensão ao tratar dos temas populacionais. Além de promover uma reflexão sobre a dicotomia e conexão dos conhecimentos analisando estas relações a partir de uma perspectiva histórica e crítica acerca dos estudos populacionais na Geografia.

2. GEOGRAFIA HUMANA E A QUESTÃO OS ESTUDOS POPULACIONAIS

Ao pensarmos a temática da população na Geografia, vinculamo-la a Geografia humana, mesmo diante das várias críticas existentes sobre a dicotomia vivente, é notável que ao se estudar a população na Geografia a maioria das fontes bem como dos materiais produzidos nesta área estão relacionados aos estudos da Geografia Humana. Contudo, é necessário argumentar que os estudos de população, também, encontram adesão em outras áreas de conhecimento, portanto, o diálogo com essas diferentes áreas também são importantes.

A necessidade de discutir a Geografia Humana e com ela identificar os estudos da população associa-se a preocupação de pensar que os estudos de população na Geografia, estão na maior parte assentados dentro deste ramo do conhecimento. Para isso, tomou-se como proposta inicial na análise discutir a questão da Geografia Humana através do texto: **Posições da Geografia Humana – Por que Geografia Humana?**¹ do professor Pierre Deffontaines, do livro **Introdução à Geografia Humana** de J.H. G Lebon (1970), além da obra **Geografia Humana** de Jean Brunhes (1969), e **Ratzel** de Moraes (1990) entre outros.

Geografia Humana, nome estranho e de singular audácia! Nenhuma outra ciência ousou atribuir-se tal qualitativo, nem mesmo a história que não se intitula humana, embora tenha a seu lado uma história dita natural (DEFFONTAINES, 2004, p.93).

Nesta passagem do professor Pierre Deffontaines é possível perceber certo desconforto ao atribuir a Geografia o adjetivo de humana, uma vez que o homem é objeto de investigação de várias ciências. Por que então atribuir a Geografia tal adjetivo?

Sem dúvida, a presença humana na Terra à medida que essa começa a alterar substancialmente o espaço não pode passar despercebida para uma ciência como a Geografia que tem como foco os estudos da dinâmica terrestre e da ação antrópica. Assim, Deffontaines reforçou dizendo:

¹ Este texto está disponível no **Boletim Paulista de Geografia**. Edição Histórica, nº 81 de Dezembro de 2004. Refere-se à tradução realizada pela professora Dra. Amarante Romariz, do artigo publicado no **Boletim Paulista Geográfico** nº 32 de julho de 1959.

Esse ramo da Geografia tem, pois, bem o direito de se intitular “humana”. Legitimamente deve fazer parte dos estudos que constituem o Humanismo, apresenta-se mesmo como seu coroamento, encarregada, como é, de estabelecer o balanço material da obra humana, espécie de conclusão concreta das ciências do homem. Tornou-se momento, o nosso planeta realmente a “Terra dos Homens”: não estará aí sua própria definição atual? No estado presente de nossos conhecimentos, não nos é possível assegurar: não existirão outras humanidades além da que habita a Terra? Na incalculável abundância dos corpos celestes, nosso globo foi o único onde emergiu o homem? Por esta simples questão pode-se avaliar a extensão de nossa ignorância! (DEFFONTAINES, 2004, p.94).

A explanação realizada por Deffontaines exige a realização de uma análise mais aprofundada, para que se possa entender em que contexto surge a Geografia Humana e com ela uma série de estudos referentes ao homem e o espaço geográfico. Assim, há necessidade de retomar os estudos de Ratzel², já que se atribui a criação da Geografia Humana aos princípios formulados por ele, como lembra-nos o professor Lebon (1970) ao escrever que foi talvez no âmbito da Geografia que Ratzel alcançou o máximo, pois abrangeu a distribuição do homem sobre a Terra sistematicamente, e compreendeu que se poderia criar a Geografia Humana para servir de complemento à Geografia Física.

Por meio século, cultivou-se o estudo da Terra independentemente do homem. A primeira inflorescência do assunto nas universidades norte-americanas partiu dos seus ramos físicos. Nas escolas, a Geografia Física era apreciada como uma abordagem não especializada à ciência, e a geração mais antiga dos ingleses sem dúvida recorda dos seus esforços para dominar a obra, *Realm of Nature*, de Mill, que, de maneira menos

exaltada, procurou alcançar o mesmo objetivo que o Kosmos. (LEBON, 1970, p.38-39).

A necessidade de sistematizar o estudo do homem sobre a Terra estava atrelada a condição de sobrevivência da Geografia enquanto ciência, isto é, diante das mudanças decorrentes, tanto no âmbito teórico conceitual quanto as interferências da ação humana na Terra era preciso “enquadrá-la” num ramo científico do qual a Geografia se ocupasse. Neste sentido, a Geografia Humana foi vinculada às atividades humanas e o resultado dessas atividades sobre a superfície terrestre. E a junção dos fenômenos que ocorrem na Terra oriunda das ações humanas denominou-se como Geografia Humana, dessa forma, o homem passa a ser encarado como um ser social. Sendo a cidade, a aldeia, o povo um produto do esforço coletivo.

De início, a Geografia Humana aparece-nos como o estudo das relações dos homens com o meio físico. Esta noção nos vem, sobretudo da Geografia Botânica, por intermédio de Humboldt e de Berghans e, particularmente, dessa ciência botânica chamada Ecologia, que estuda até que ponto os fatores do clima e do solo determinam a vida das plantas. Da mesma forma, eles podem em uma grande escala determinar a vida dos homens. Uma das primeiras preocupações do geógrafo é colocar os fatos humanos em relação com a série de causas naturais que podem explicá-los e recolocá-los, desta maneira, no encadeamento do qual faz parte. (DEMANGEON, 1952, p.27).

Com a definição de Demangeon de Geografia Humana, pode-se perceber que não é possível abranger todo o estudo das relações humanas com o meio natural. A definição por ser ampla escapa a competência da Geografia humana e ligam a outras ciências. Torna-se relevante lembrar que as análises primitivas da coletividade humana pautavam-se numa visão

² A aceitação das novas tendências de pensamento como a salvação da Geografia foi uma realização fundamental na obra de Friedrich Ratzel. Seu âmbito de raciocínio era amplo e ele procurou compreender uma única ciência da humanidade, abrangendo uma Filosofia da História, a Etnologia e a Geografia. Em consequência, publicou em 1882 e 1891, os dois volumes da sua Antropogeografia, introduzindo assim o termo Antropogeografia ou Geografia Humana (LEBON, 1970, p.39).

descritiva, assim a Geografia do homem era principalmente, uma ciência descritiva. Embora, como bem lembra Moraes:

Não é uma falha para uma ciência ser descritiva, desde que ela não se limite exclusivamente ao trabalho de descrição, porém, nesse caso a ciência não atingiria seus objetivos (MORAES, 1990, p.94).

Em vistas de esclarecer essa questão Demangeon ressalta o papel desempenhado por Vidal de La Blache:

Vidal de La Blache, que foi o iniciador da Geografia Humana na França, mostrou que o caráter científico desta geografia remonta a dois geógrafos alemães: Alexandre Von Humboldt (1769-1859) e Karl Ritter (1779-1859), quando os dois demonstraram que entre os fenômenos físicos e os fenômenos da vida há relações constantes de causa e efeito, mas cada um deles trouxe sua maneira original de conceber esta conexão. (DEMANGEON, 1952, p. 25).

Entretanto, ao observar os trabalhos iniciais de Geografia Humana, havia um esforço em detalhar com precisão o modo como as pessoas se organizavam no espaço, sua distribuição, seus modos de vida. No entanto, havia uma ausência de análise voltada a entender as “forças motrizes” que por vezes até “determinavam” o modo pelo qual as pessoas viviam, ou seja, esses elementos não estavam presentes nos primeiros estudos de Geografia Humana, a tentativa de transformar a Geografia, numa ciência “precisa” acabava por mitigar aspectos importantes para se entender a dinâmica humana no espaço terrestre. Não obstante, a ênfase na descrição em detrimento da análise crítica estava associada ao contexto histórico em que os estudos iniciais de Geografia Humana se desenvolveram, o que predominava era um estudo que

levava em consideração as consequências e não as causas, dos fatos/fenômenos humanos, o que significa dizer que estes, na maioria das vezes, eram descolados ou desvinculados dos fenômenos que as causavam.

Neste sentido, estudos como o desenvolvido por Max Sorre (1955), que abordou os Fundamentos da Geografia Humana, contribuíram para que notássemos que as interações o homem e o meio, assim como os fatores humanos, físicos, sociais, culturais, ambientais e biológicos, em conflito com os denominados complexos patogênicos, que envolvem o homem e seu meio de vida, com todos seus condicionantes podiam atrapalhar o desenvolvimento da vida humana e também diminuir a produtividade, comprometendo também o desenvolvimento econômico, mas ao mesmo passo possibilitaria os homens desenvolverem meios para superar as dificuldades impostas pelo meio. Assim, a necessidade de sobrevivência seria uma espécie de motor que impulsionaria não só a vida, mas a sua manutenção e reprodução.

O professor Max Sorre (1961) aborda ainda outro pertinente ponto a respeito da Geografia humana, onde pergunta: “qual é o conceito de sociedade latente ou implícita na busca da Geografia Humana?” E responde dizendo que o homem foi colocado no centro do quadro, com todo o seu poder de inventiva, com toda a sua iniciativa na busca da conquista do globo, para transformá-lo no *oikumene*. A composição é por certo de ordem ecológica, porém em escala mais ampliada. Abrange não apenas as formas mais elementares e primitivas de atividade, mas todas

as mais evoluídas. Sua busca leva à explanação geográfica do mundo (SORRE, 1961).

Com essas palavras Sorre demonstrou que os aspectos sociais importantes para Geografia Humana são a forma de organização social no que tange a sua subsistência e o Estado em suas diversas manifestações territorial. E, Lebon (1940) reitera ao dizer que: Maximilien Sorre assinalava considerável progresso, tanto em sistema como inteireza a Geografia Humana.

Não devemos limitar a visão a uma só ordem de fenômenos, o menor estudo geográfico se pretende ser completo não deve restringir a observar fatos isolados, como dizia Vidal de La Blache (1896) “nenhuma parte da terra, leva em si, sozinha a sua explicação”. E reforça Brunhes ao afirmar que:

Uma montanha não forma um todo isolado em si mesmo; uma cidade não é uma unidade independente: depende do solo em que se edifica do clima a que se acomoda, do meio que a faz viver; um rio não é um indivíduo, tendo em si mesmo toda sua razão de ser (BRUNHES, 1969, p.38).

Deste modo, as forças terrestres não agem em condições determinadas, mas existe uma conexão entre as diferentes ações que atuam sobre o mesmo espaço. “A ideia de que a terra é um todo, cujas partes estão coordenadas, fornece a Geografia um princípio de método, cuja fecundidade aparece melhor à medida que se estende sua aplicação” (LA BLACHE, 1896, p.129).

O homem não escapa à lei comum; sua atividade é compreendida dentro da malha dos fenômenos terrestres. Porém, se a atividade humana, por tal forma, aí é englobada, disso não se deduz que esteja fatalmente determinada. Fica introduzida na Geografia, com todo o direito, por sua conexão

com os fenômenos naturais, e duplamente introduzida. Explico-me: sofre a influência de certos fatos e, por outro lado, ela exerce sua influência sobre outros; por esta razão dupla, pertence à Geografia. Eis por que temos o direito e a obrigação de juntar, ao grupo de forças materiais, cujas ações incessantes fizemos notar, essa nova força, que não é unicamente de ordem material, mas que se traduz por efeitos materiais, ou seja, a atividade humana. Eis como somos conduzidos a estudar, como geógrafos, a ação do homem na Natureza sem a separar, nunca, do estudo da Geografia natural ou Geografia Física (BRUNHES, 1969, p. 41).

Partindo, do pressuposto acima defendido por Jean Brunhes, não há como dissociar a população do contexto histórico do qual as relações humanas foram produzidas, uma vez que é importante entender sua constituição inserida nesse movimento. E, assim, pergunta-se: qual é o lugar da população no estudo de Geografia humana? Já que se entende que para estudar a população torna-se necessário não só enveredar pelos caminhos da Geografia humana, mas sim perceber a contribuição de outras ciências, e, também identificar os momentos de concepção dos estudos da população na ciência geográfica e também na composição da Geografia da População.

Neste sentido, autores como: Ratzel, Levasseur e Brunhes cuja produção acerca da população, sobretudo, da Geografia Humana foram de grande valia para a construção deste trabalho. Também, foi importante a contribuição de Foucault, Singer, Cipolla, Sauvy, Szmrecsányi, entre outros.

Para Foucault população é algo que está ligado ao essencialmente humano, histórico e socialmente construído, portanto, distanciado do conceito biológico de população inserido pela

Geografia ao longo da sua história. O que possibilita um salto qualitativo nos estudos populacionais. O autor afirma que a definição de população e seu sentido utilitário foram se transformando de acordo com o tensionamento das relações sociais. E exemplifica essas transformações através das formas de controle como: o poder pastoral, onde a população é conduzida por interesses e necessidades claras, ou quando é convencida sobre determinadas formas de exercício do poder, por exemplo, a liberdade como ideologia e técnica de governo. Para Foucault biopoder é o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia geral de poder.

Este bio-poder, sem a menor dúvida, foi elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pode ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos. Mas, o capitalismo exigiu mais do que isso; foi-lhe necessário o crescimento tanto de seu reforço quanto de sua utilizabilidade e sua docilidade; foram-lhe necessários métodos de poder capazes de majorar as forças, as aptidões, a vida em geral, sem por isto torná-las mais difíceis de sujeitar; se o desenvolvimento dos grandes aparelhos de Estado, como instituições de poder, garantiu a manutenção das relações de produção, os rudimentos de anátomo e de bio-política, inventados no século XVIII como técnicas de poder presentes em todos os níveis do corpo social e utilizadas por instituições bem diversas (família, o Exército, a escola, a polícia, a medicina individual ou a administração das coletividades), agiram no nível dos processos econômicos, do seu desenrolar, das forças que estão em ação em tais processos e os sustentam (FOUCAULT, 2007, p.153-154).

Devido à abrangência do tema população este aparece, na maioria das vezes, vinculado a

algumas categorias analíticas como: trabalho, economia, mobilidade, meio ambiente, sociedade, gênero, raça, entre outras. Isso ocorre porque não é possível analisar a população por ela mesma, quando ocorre isso o que temos comumente é um panorama de como está distribuída a população, onde são apresentados dados como: o número de nascimentos e mortes de um determinado lugar e período, a composição da pirâmide etária, o que se traduz, muitas vezes, numa visão estática e descritiva da população, voltada muito mais para exposição dos dados estatísticos do que análises problematizadoras acerca da dinâmica da populacional, este tipo de análise estanca pouco contribui para que o estudo da população se consolide e ganhe expressão política, econômica e social na ciência geográfica. Independente, se a tutela dos estudos populacionais esteja sobre os domínios da Geografia Humana ou da Geografia da População, o importante que tais estudos sejam resultados ou reflexos de interpretações realistas dos fenômenos populacionais e ainda sejam capazes de esclarecer e mobilizar as pessoas a fim de produzir as mudanças e transformações necessárias na sociedade.

É importante salientar que todos os autores citados neste item, foram mencionados não somente para demonstrar que esta temática é complexa e rica, mas também para estimular muitas outras análises, que podem, inclusive, não só fomentar o debate sobre este tema como suscitar novas ideias ou teorias.

3. A QUESTÃO DA POPULAÇÃO NA GEOGRAFIA E EM OUTRAS CIÊNCIAS

As pesquisas sobre população estão presentes em muitas ciências, e a forma como cada uma aborda esta temática, também, é diferenciada. A Geografia na maioria das vezes discute a população priorizando a questão da migração, ou a questão da distribuição. Contudo, sabemos que não encontraremos manifestações “puras” dos estudos populacionais na ciência geográfica, encontraremos sim, momentos de maior adesão aos estudos de população e outros de “desaquecimento” frente a esta temática. No entanto, o que objetiva-se dialogar como outras ciências que contribuem com o tema.

A Antropologia, por exemplo, é um ramo do conhecimento que possui um olhar peculiar para os conjuntos humanos, em especial, pelo rápido desenvolvimento numérico da espécie já que isso afeta, sobremaneira, o bem estar da humanidade. Discute também que os “problemas” de população apresentam aspectos próprios que pertencem a cada continente, a cada país, que possuem condições geográficas, ecológicas e demográficas e socioeconômicas muitas vezes diferenciadas. Para a Antropologia a população é uma unidade social onde os indivíduos estão unidos pela língua, pelos traços culturais e também pela história. Na maior parte das vezes a população é tratada como comunidade ou povo, ou seja, um grupo de indivíduos que se ligam por meio de reconhecimento social, pelas afinidades culturais e até pela proximidade geográfica. Desde modo, as discussões

sobre desigualdade social, distribuição de renda, exploração da força de trabalho, migrações, não são temas abordados de forma categórica pela Antropologia, já que esta ciência está mais preocupada a trabalhar e entender os hábitos das pessoas e como essas se relacionam com o meio.

É válido destacar que os estudos de população na Geografia, podem ser melhor compreendidos se postos no contexto histórico em que foram produzidos, não trata-se de realizar uma leitura linear da história, mas entender as forças políticas, econômicas e culturais que influenciaram o modo como às pessoas se organizam e vivem socialmente.

Entre os economistas a dinâmica populacional é um processo que precisar ser mais bem compreendido, a fim de se poder traduzi-los numa série de dados que possibilitam optar de forma consciente entre: adequar à população a estrutura vigente; adequando-as ao desenvolvimento econômico, ou as eventuais mudanças institucionais atreladas à população. A Economia, sobremaneira, é uma área que discute os temas associados a população, vinculando-as, sobretudo, com as questões das políticas públicas, e os assuntos referentes ao planejamento urbano e também regional, e buscam “harmonizar” os interesses econômicos com a dinâmica da população (crescimento vegetativo, natalidade, fecundidade, mortalidade, etc.).

O interesse pela população não constitui um fenômeno novo: modernamente, desenvolve-se de maneira coerente com a própria Demografia, datando das preocupações manifestadas pelos teóricos do Estado e da economia política, do mercantilismo ao liberalismo, passando pela fisio-

cracia. Entretanto, é no final do século XIX que evidências empíricas mais consistentes a esse respeito puderam ser observadas, em especial no noroeste da Europa. Com novos instrumentos nas mãos, os estudiosos da população constataavam um crescimento demográfico substantivo, que demandava hipóteses explicativas. Em outras palavras, procurava-se elucidar a história recente de uma parcela da população europeia que havia passado de um estado de recente equilíbrio, com níveis elevados de natalidade e mortalidade, para uma fase que anunciava outro equilíbrio, mas com níveis baixos de natalidade e mortalidade (NADALIN, 2004, p.126).

Em síntese, a população não é um conceito numérico, por isso uma só ciência não dá conta de explicá-la. A Demografia, por exemplo, ciência com maior destaque nos estudos populacionais não pode ser sozinha uma companheira da Geografia. Neste sentido, reforça-se a ideia que os estudos sobre população tornam-se mais “completos” na medida em que os diálogos entre as ciências se tornam mais profícuos. Ao abordar os temas populacionais, muitas ciências podem contribuir a seu modo, a Biologia com suas teorias e formulações, a Antropologia e os estudos a partir da coletividade, a Filosofia e as prospecções sobre o indivíduo, a Economia, enfim várias ciências, neste sentido, a interdisciplinaridade desempenharia um papel importante para o enriquecimento deste tema, sobretudo, para o aprimoramento da ciência geográfica acerca do tema.

Pierre George é um pesquisador importante para a Geografia e devemos a ele a difusão da Geografia da População, a obra dele é uma porta de entrada para os interessados nos assuntos populacionais na Geografia, contudo, precisa ser analisada cuidadosamente, para que não se faça uma discussão descolada da realidade.

O autor em **Sociologia e Geografia** (1974) faz um estudo sistematizado entre a Sociologia e a Geografia, apresentando temas que se correlacionam entre si, portanto, há um capítulo específico sobre o número que nos chama atenção pela forma como o autor trabalha com os dados e faz a crítica aos estudos quantitativos por eles mesmos, isso denota um amadurecimento por parte do autor que ao relacionar as questões sociais com as demográficas, atribuiu mais dinamismo aos assuntos populacionais. Dessa forma, percebemos que a Sociologia é uma grande parceira nos estudos de populacionais, e com isso, podemos encontrar outros caminhos e percorrer diferentes espaços antes não detidamente estudados, sobretudo, pela Geografia e nesta troca interdisciplinar está o enriquecimento de temas como a População. Contudo, não somos especialistas em todas as áreas, mas reconhecemos que a troca de conhecimentos entre algumas áreas, sobretudo, aquelas definidas como ciências humanas, podem contribuir para que temas como população passassem a ser estudada de forma mais comprometida, inclusive, pela Geografia. Apesar, de reconhecer a fragmentação imperante da chamada ciência moderna.

O estudo da população na Geografia exige o aporte de outras ciências sociais como a Economia Política e a Sociologia, para explicar o porquê do lugar de pessoas nas classes sociais, a perda dos indivíduos na coisidade da força de trabalho do homem genérico, ao mesmo tempo submetido na sociedade, não por obra do acaso, mas das leis sociais dominantes (RIQUE, 2004, p.30).

Infelizmente, os estudos populacionais na Geografia acabam explicitando os fenômenos por eles mesmos, ou seja, não explicam a realidade do fenômeno, na maior parte das vezes descreve-os, e descrever a realidade apenas não significa produzir ciência. Neste sentido, o modo como são interpretados e analisados os dados da população pautados numa visão empirista, torna o estudo da população, bem como de suas variáveis como algo estanque e distante da realidade.

Diante disto, defende-se que os fenômenos são manifestações parciais da realidade, isto é, manifestação aparente da realidade. Nenhum fenômeno encontra explicação apenas na aparência. É preciso entender o contexto as contradições e a gama de relações que produzem determinado fenômeno, para que se possam entender seus determinantes, suas implicações, e talvez encontrar a raiz do problema e como isso transformá-lo.

Olhar para o “lugar” da população na Geografia é também tentar entender os reposicionamentos do mesmo no interior da trajetória desta ciência. Ao realizar, portanto, este exercício teórico, acredita-se que o mesmo permitirá um melhor entendimento das dinâmicas internas que marcam o campo científico da Geografia e que ainda, mesmo que de forma residual, estão presentes nos processos ligados ao entendimento desta questão. Para além da periodização estanque entre diferentes correntes do pensamento geográfico, comumente utilizada quando se estuda a história da Geografia, a leitura é dialética

e não linear. A intenção é focar mais nas ideias, conceitos do que nas correntes e generalizações. Investigando as produções de alguns autores, buscando entender suas perspectivas, seu tempo e a forma como concebiam e acreditavam ser a Geografia que realizavam e com isso entender os posicionamentos e reposicionamentos dos estudos populacionais na denominada Geografia Humana e na Geografia da população.

4. GEOGRAFIA HUMANA E A GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO

Os estudos e divulgação sobre população na Geografia até o século XX eram incipientes, apesar disso, era necessário obter dados populacionais para criar e/ou controlar territórios e também para a gestão do Estado. Assim, é importante destacar que o fato de não haver obras específicas sobre Geografia da população até meados do século XX não significa que este tema não tenha sido tratado antes. Uma obra, muitas vezes, vem para firmar a importância do tema em determinado contexto histórico, não anulando que a gestação do tema não viesse acontecendo dentro da Geografia. Dessa forma, percebe-se que há uma teia de relações que merecem ser consideradas ao estudar a população, pois em cada momento, de acordo com cada contexto histórico, a população foi gerida e entendida de modo diferente, trata-se, portanto, de algo dinâmico.

Entende-se que apreender a realidade dos fenômenos consistem em muito mais do que delinear paisagem ou elencar fatos, mas sim, contextualizar a fim de produzir algo novo, não

necessariamente melhor ou pior, mas ao menos significativo para cada momento historicamente produzido.

Em relação à Geografia Humana percebe-se que os estudos ligados à população difundidos nesta área apresentavam uma dimensão mais estatística, sobretudo, pela influência dos Institutos Geográficos e da chamada Geografia teórica que influenciaram e difundiram em meados do século XX os estudos populacionais na Geografia.

Pode-se dizer que na Geografia Humana houve um maior aprofundamento dos estudos populacionais, contudo, esses eram pouco problematizados o que atribuiu a essa área uma característica conservadora dentro o rol de temas abordados pela Geografia.

Com o advento da chamada Geografia da População houve um esforço em colocar a população num lugar de destaque na ciência geográfica, porém, os primeiros estudos populacionais realizados pelos chamados geógrafos clássicos guardavam em si qualidades inerentes à influência positivista. Esta situação perdurou por muitos anos, vindo sofrer alterações significativas no fim do século XX. Portanto, para restabelecer o debate entre Geografia Humana e Geografia da população, considera-se importante retomar a discussão sobre o advento da Geografia da População.

Deve-se a Pierre George a introdução da expressão Geografia da População na literatura geográfica de sua época. A partir de então, os estudos efetuados sob o título de Geografia da População se multiplicou e se desenvolveu em

várias áreas do mundo. Como nos Estados Unidos com Trewartha na Rússia, como os trabalhos de Melezin e de Pokshishevskiy, ou na Índia com Chandna & Sidhu, que contribuíram para delinear os traços básicos das diferentes trajetórias nos estudos da disciplina.

A Geografia da População pode ser definida com precisão como a ciência que trata dos modos pelos quais o caráter geográfico dos lugares é formado por um conjunto de fenômenos de população que varia no interior deles através do tempo e do espaço, na medida em que seguem os outros e relacionando-se com numerosos fenômenos não demográficos (ZELINSKY, 1969, p.2).

A partir dos anos 1950 é que se começou a elaborar uma disciplina identificável como Geografia da População e cuja principal diferença, face às contribuições originadas de ciências diversas, estava na multiplicação de títulos consagrados integralmente à compreensão do tema população no interior da ciência geográfica.

A partir de então a Geografia da População não só foi definindo sua posição no contexto da sociedade geográfica como também, na prática, passou a contribuir para uma melhor explicação das realidades espacialmente observáveis.

Segundo Zelinsky, o propósito essencial dessa matéria é bem mais amplo e profundo que a tarefa elementar de estabelecer onde as pessoas vivem seu número e tipo. Como em todos os demais campos da Geografia, o mero onde das coisas não pode ser aceito como definição suficiente do campo e do objetivo da Geografia da População. Assim, para ser analítica, a Geografia deve olhar para o caráter inter-relacionado

das coisas que variam através do espaço (ZELINSKY, 1969).

O desenvolvimento menos acelerado da Geografia da População em períodos anteriores aos anos de 1950 pode ser explicado por algumas razões como: deficiências dos dados geográficos, ênfase nos estudos regionais onde a dimensão populacional não possuía posição importante; e o desenvolvimento lento da Demografia como provocadora dos estudos de população em Geografia. Quando essas condições foram superadas, ou ao menos amenizadas, ocorreu uma multiplicação dos temas e abordagens da disciplina Geografia da População ao passo que também crescia a importância das temáticas populacionais de forma quase universal.

A preocupação em definir o campo da Geografia da População como espaço e área de conhecimento favoreceu a especulação sobre a fundamentação epistemológica da Geografia da População que apresenta um corpo crescente de conhecimentos, que permite a elaboração de um conjunto de ideias e teorias estabelecidas em forma de conhecimento científico e organizado, o que contribui ou contribuiria significativamente para seu fortalecimento. Contudo, há um aspecto importante ao pensar a Geografia da População, isto é, seus estudos e análises na maior parte das vezes estão alicerçados na atividade dos sujeitos e não na lógica de seus conteúdos, métodos.

Desta forma, entender a Geografia da População é dar ênfase ao seu lugar como campo específico de produção de conhecimentos,

porque, não existe disciplina sem o objeto específico do conhecimento a ser ensinado, mas também não existe esse fenômeno independente dos sujeitos e das diferentes concepções e metodologias que estão diretamente ligadas à produção do seu conhecimento.

Outra questão a ser ressaltada diz respeito à compreensão do papel social e econômico da Geografia da População nos processos de consolidação e modernização da sociedade. Todavia, vale relembrar que a necessidade em responder às demandas políticas da formação dos Estados Nacionais, favoreceu para que a Geografia da População ocupa-se certas funções institucionais. Neste contexto, os conteúdos de Geografia da população receberam finalidades estatísticas, cujo sentido era demonstrar o crescimento demográfico e a distribuição da população. Ao que parece, esta era a questão principal sob o qual veio se definindo e se firmando os estudos populacionais na Geografia, contudo, as questões políticas e sociais eram afastadas progressivamente das questões mais gerais com que a Geografia da população poderia se envolver.

Assim, defende-se que o estudo da Geografia da População pode ter ocupado o espaço de uma terceira via de investigação entre a Geografia Física e a Geografia Humana, e essas fragmentações marcaram o período moderno e estenderam suas normatizações à pluralidade de concepções teórico-metodológicas presentes na Geografia do século XX e também no século XXI. Retomando as observações realizadas inicialmente na introdução deste texto, entende-

se, que são os elementos abordados que permitem a definição, de critérios para eleger eixos norteadores para a investigação da Geografia da População.

A análise de uma área científica pode ser realizada de diferentes modos. Contudo, independente da forma utilizada ela não pode ser realizada de forma isolada, uma vez que a análise isolada é insuficiente, por não oferecer uma visão ampla do processo e do contexto histórico.

Assim, pode-se dizer que independente do rótulo existente na produção de um dado conhecimento é importante não perder de vista qual é realmente seu valor? Ou seja, para que serve e a quem serve? Respondidas estas perguntas mesmo que parcialmente podem-se encontrar talvez muitas das respostas que se almeja encontrar. Por isso, o mais importante que dizer que determinado conhecimento pertence a tal área é saber se este conhecimento é relevante. Diante disso, pode-se concluir que a Geografia é ciência complexa que abrange uma gama grandiosa de conhecimentos e pode contribuir para que os estudos de população ganhem projeção ainda não vistas na ciência geográfica, independente se está inserida no campo da Geografia Humana ou da Geografia da População o que vale é analisar sua viabilidade e importância para a vida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo apresentado teve seu mote em entender como a Geografia Humana e a Geografia da População abordou as temáticas ligadas

aos estudos populacionais. Além da singela discussão que se teve a pretensão de fazer, existe à vontade em contribuir de forma significativa para repensar a população pela esguelha da Geografia.

Acredita-se que o tema população é importante e a Geografia pode e deve contribuir no estudo e compreensão da dinâmica populacional. A Geografia deve contribuir para melhor entendermos o mundo, colaborando para a compreensão dos processos históricos, econômicos, sociais, culturais do qual a humanidade é o cerne.

Ao aproximar-se dos estudos populacionais há possibilidade de preencher algumas lacunas do que se entende por Geografia e a vivacidade que ela compreende. Não obstante, a defesa por ora apresentada, não dispensa há probabilidade de averiguar se realmente, os estudos populacionais são relevantes para dinamizar e enriquecer a Geografia.

Contudo, seria ingênuo, querer dar conta do universo que permeia a população, por se tratar de um tema tão amplo. Sendo assim, optou-se em realizar esta breve análise a partir do que se convencionou chamar de Geografia Humana e também da Geografia da População e o seus desdobramentos.

Neste sentido, o esforço pautou-se na tentativa de apresentar algo que contribuísse para o aprofundamento dos estudos populacionais na Geografia, sem pretensões ingênuas, e muito menos sem desvalorizar o já feito, buscou-se fomentar o debate sobre complexidade e a riqueza dos estudos populacionais. E, com isso

tentar superar algumas das dicotomias existentes, buscando agregar esforços para que geógrafos e professores de Geografia possam colaborar significativamente para o avanço dos estudos populacionais na ciência geográfica.

REFERÊNCIAS

- BRUNHES, Jean. **Geografia Humana**. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1969.
- CIPOLLA, C. M. **História econômica da população mundial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- CHANDNA, R.C. & SIDHU, M.S. **Introduction to Population Geography**. N. Delhi: Kalayani Publishers, 1980.
- DEFFONTAINES, P. **Posições da Geografia Humana – Por que Geografia Humana?** IN: Boletim Paulista de Geografia. São Paulo, Número 81, Dezembro de 2004.
- DEMANGEON, Albert. **Problèmes de Géographie Humaine**. Paris: Armand Colin, 1952.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____. **Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977 – 1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GEORGE, P. **Geografia da População**. São Paulo: Difel, 1951.
- _____. **Sociologia y Geografia**. Barcelona: Península, 1974.
- _____. **Populações ativas**. São Paulo: Difel, 1979.
- LA BLACHE, V. **Principes de Géographie Humaine**. Paris: Colin, 1896.
- LEBON, J.H.G. **Introdução à Geografia Humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- LEVASSEUR, E. **La population française**, Paris, Rosseau, 3 vol. (1889-1891).
- MELEZIN, A. **Trends and Issues in the Soviet Geography Population**. Annals of the Assoc. of American Geographers, 1963.
- MORAES, A.C.R. de. (Org.). **Ratzel**. São Paulo: Ática, 1990.
- NADALIN, S. **História e Demografia: elementos para um diálogo**. Campinas: ABEP, 2004.
- POKSHISHEVSKIY, V.V. **Population Geography in the USSR**, Moscow, Institute of Scientific Information, 1966.
- RATZEL, F. **Anthropogeographie**. Stutgarl. J. Engelhorn, 1891.
- _____. **La Terra E La Vota/ Geografia Comparativa (Vol. I)**. Torino: Unione Tipografico-Editrice, 1905.
- RIQUE, L. **Do senso comum à geografia científica**. São Paulo: Contexto, 2004.
- SAUVY, A. **Population**, Paris, PUF, 1966.
- _____. **Théorie Générale de la Population: Vol. I - Économie et Croissance**, Paris, PUF, 3e éd., 1963, 373 p.; vol II - La Vie des Populations, 3e éd. 1966.
- SINGER, P. **Dinâmica populacional e desenvolvimento**. São Paulo, CEBRAP, 1970.
- _____. **Economia Política do trabalho**. São Paulo, HUCITEC, 1977.
- SORRE, M. **El Hombre en La Tierra**. Barcelona: Labor, 1961.
- _____. **Fundamentos Biológicos de la Geografia Humana**. Ensayo de una Ecología del Hombre. Barcelona: Ed. Juventud. 1955.
- SZMRECSÁNYI, T. Retrospecto histórico de um debate. In: SANTOS, J. L. F.; LEVY, M. S.

F.; SZMRECSÁNYI, T. (orgs.). **Dinâmica da População**. São Paulo: T. A. Queiroz Editor Ltda, 1980.

ZELINSKY, W. **Introdução à Geografia da População**. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.